

# Black prof: Uma nova semiotização no ciclo de protestos no Brasil<sup>1</sup>

Cristina Thorstenberg Ribas

Trabalha como artista e pesquisadora. Doutoranda em Arte no Goldsmiths College University of London. Bolsista Capes Doutorado Pleno 2012-2016. Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pelo IA/UERJ (2008). Graduada no IA/UFRGS (2004). Desenvolve a plataforma Desarquivo.org. Faz parte da rede Conceptualismos del Sur. Em 2014 'catalisou' junto a um grande grupo o projeto e livro 'Vocabulário político para processos estéticos'.

**Resumo.** Neste artigo analiso um caso de intersecção de lutas minoritárias nas ruas do Rio de Janeiro no ciclo de manifestações no Brasil no biênio 2013-2015, um novo modo de semiotização: o **Black Prof**. Esta intersecção surge em meio ao ciclo de manifestações que colocam em questão as políticas antidemocráticas e neodesenvolvimentistas no país. Minha análise observa a solidarização entre lutas e o surgimento de novos fluxos semióticos que operam, a partir de efeitos de transversalização, uma significativa bagunça na semiótica da política naquele contexto. Analiso, portanto uma relação produtiva entre criação e política, pensando política mais como micropolítica, portanto como potencial de auto-organização, e criação como potencial de diferenciação.

**Palavras-chave.** Criação, micropolítica, semiotização, transversalidade, interseccionalidade.

## Black prof: A new semiotization in the cycle of protests in Brazil

**Abstract.** In this article I analyse the intersection between minoritarian struggles from the streets of Rio de Janeiro in the cycle of protests in the biennium 2013-2015. This intersection generates a new semiotization: the **Black Prof**. The context is the large social questioning of the anti democratic and “neo-developmental” state policies from the Brazilian government. My analysis pays attention to the “solidarization” between two struggles and the appearance of new semiotic flows, which generate “transversalising” effects and a significant dis organisation of the semiotics of politics. I advocate, hence, for a productive relationship between creativity and politics, thinking politics more from a micropolitics, therefore self-organisation potential, and creativity as differentiation potential.

**Keywords.** Creativity, micropolitics, semiotization, transversality, intersectionality



“A nossa luta unificou, é estudante, funcionário e professor(a)!”

"Magistério é assim mesmo, bota o choque pra correr, mas que beleza! Que beleza, o BLACK PROF não tem medo de morrer... olê-lê, olá-lá, educação vem aí e o bicho vai pegar!"

“A imaginação política se destravou e produziu um corte no tempo político.” Peter Pál Pélbart, *Eu sou ninguém*, 19/07/2013

“[Na luta pela polivocidade da expressão semiótica] se trata de criar condições que permitam aos indivíduos adquirir meios de expressão relativamente autônomos e portanto relativamente não recuperáveis pelas tecnologias das diversas formações de poder (estatais, burocráticas, culturais, sindicais, da comunicação de massa, etc...).” (GUATTARI, 1987, p. 53-54)

Neste artigo analiso a intersecção de lutas minoritárias nas ruas do Rio de Janeiro no ciclo de manifestações no Brasil no biênio 2013-2015, o chamado **Black Prof**. Esta intersecção surge em meio ao ciclo de manifestações que colocam em questão as políticas antidemocráticas e neodesenvolvimentistas no Brasil, um ciclo que culmina no que se chamou de Jornadas de Junho, *Primavera do Brasil*, *Ciclo de Junho*, *Junho disruptivo*, entre outras. Minha análise observa a solidarização entre lutas e o surgimento de novos fluxos semióticos que operam uma significativa bagunça na semiótica da política. O surgimento do **Black Prof** ocorre após a repressão sumária à greve dos professores estaduais e municipais do Rio de Janeiro e a repressão e criminalização dos Black blocs. Na intersecção entre a luta e a tática ocorre a aparição de uma nova “identidade política” que desafiou os poderes e acabou por incitar a produção de diferentes discursos posicionados sobretudo contra essa nova “identidade política”, que chamarei aqui de uma nova semiotização.

O **Black Prof** pode ser pensado para além da noção de identidade, por isso, como um modo de semiotização, segundo conceito de Félix Guattari. Semiotização para o autor é mais do que a função semiótica de denotação e representação. Para o autor, as semiotizações são uma espécie de “função de existencialização”, algo capaz de criar “pontos de bifurcação por fora de coordenadas dominantes” (GUATTARI, 2013, p. 36). De maneira a analisar os “elementos” dessa semiotização o percurso que traço aqui para analisar a solidarização entre os Black blocs e os professores passa pela investigação das noções de “interseccionalidade” (das teorias e práticas feministas; Lewis, 2012), “transversalidade” e “ritornelo” (GUATTARI, 2002, 2013). Esse artigo tem o objetivo de elaborar os efeitos dessa



semiotização para além de um agenciamento de representações, em direção a semióticas que envolvem micropolíticas que integram e desafiam o corpo, as coletivações, a performance, o grito, a criação, a política, e mais.

“Como protestar *pela palavra* se é ela o suporte por meio do qual o Estado de Direito exerce violência?”; “É preciso criar novas maneiras de se comunicar: o Black bloc pode ser uma delas” (LOCATELLI; VIEIRA, 2013), diz o professor de teoria política Nildo Avelino (do grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas da UFPB), em entrevista para a Revista Carta Capital. Avelino questiona os elementos de protesto já conhecidos, entre eles, o “uso da palavra”. Isso me faz pensar que o “uso da palavra” é um modo de protesto social e legalmente aceito – a luta por meio da palavra, que, por sua vez, faz as vezes de referente a algo mais real do que a palavra mesma. A palavra se torna assim uma espécie de representação de algo. Julia Ruiz Di Giovanni escreve em *As artes do impossível* (2012) sobre a história e os múltiplos conflitos travados pelos diversos agrupamentos *Black bloc*, em várias cidades do mundo no ciclo de manifestações anti-globalização. Di Giovanni atenta para o “martírio” do corpo dos manifestantes que se negam a ser “violentos” (para alguns, “tal como os Black bloc”), e na produção de uma passividade, aceitam a opressão expressa pela polícia sem imprimir resistência (DI GIOVANNI, 2012, p. 104-111). Há uma relação entre aquilo que se constitui como manifestação legal, uma apresentação/representação da manifestação em si e a repressão performada pelo Estado, como afirmação de poder de controle sobre a sociedade auto-organizada. Essa relação revela uma tensão a qual a intersecção **Black Prof** parece apresentar uma “saída”, visto que elabora uma semiotização que embaralha apresentação/representação (porque a nega) e repressão (porque resiste). Essa tensão se coloca porque há uma dinamização, uma relação produtiva, entre política e criação como maneira de reinvenção de si (como movimento), insurgindo como processo de luta contra estruturas que oprimem. Proponho pensar aqui política como potencial de auto-organização, o que detalho mais a seguir, e criação como potencial de diferenciação, ligado diretamente à produção de subjetividade. Ambos, política e criação, quando numa relação produtiva, fazem titubear comunicação e linguagem, enunciado e discurso, a-significante e significado.

Seja nas ruas, nas assembleias, nos movimentos sociais, na academia e no poder instituído, o duelo das negociações sociais daquilo que tem *signo político* não cessa de acontecer. Ou seja, para algo ter *signo político* deve ser reconhecido enquanto tal por todas as partes que constituem a complexidade de uma relação. No cenário contemporâneo, contudo, há uma constante solapagem que a “política” como



potencial de auto-organização social sofre pelo capitalismo financeiro. Isso acontece também pela produção do que Guattari chama de “ritornelos capitalísticos” que se colam a nossas vidas, introduzindo ritmos e modos que surrupiam nossa autonomia, nossa possibilidade de resistência, porque operam naturalizando as diversas temporalidades produtivistas diretamente em nossas vidas. A política – seja a política institucional ou a auto-organizada - fica subordinada ao capital financeiro, que vai levando junto, portanto, a democracia. O mesmo acontece com o potencial de criação, que fica subordinado às semiotizações do capital. São duas frentes a trabalhar então: (1) definições operativas de política que não estejam submetidas a um objetivo macropolítico; e (2) o desenvolvimento de dispositivos que podem tanto fazer perceber como criar *novos ritornelos*, novos modos, novas lutas, novas táticas que sejam capazes de confrontar o poder, e seus efeitos – o que chamo aqui de “ritornelos maquínicos”<sup>2</sup>. Diante dessas duas frentes, formulo as seguintes perguntas: (1) como trabalhar nas definições operativas de política a partir da diversidade que constituímos?; (2) e, se é a partir do movimento do encontro das diferenças, da produção de singularidades, da multiplicação de linguagens que encontramos os mais potentes efeitos políticos, com que tipo de dispositivo ou assemblage, podemos mapear e colocar em ação não só outras linguagens, mas novos *ritornelos maquínicos* que podem gerar outras semióticas, outras semiotizações?; (3) como novos ritornelos e novas semióticas interagem com os saberes e com as semióticas disponíveis nos encontros entre a criação e a política, e daquilo que se tem produzido contextual e localmente?

Perseguindo essas frentes e essas perguntas, pode-se talvez chegar a redefinições conceituais de uma prática política a partir de práticas sociais que assumam seu potencial criativo, a partir de encontros sociais não interessados em reificar instituições ou posições de representação ou poder (seja da arte, seja dos discursos sobre a arte; seja nas lideranças políticas que não são capazes de enxergar seu próprio “pódium” de poder) – mas encontros sociais em que há um questionamento do poder ele mesmo e espaço para criar novos signos, novas identidades políticas, novas semiotizações.

### **Black (bloc) prof**

Em outubro de 2013 uma manifestação que fazia parte da agenda da Greve dos Professores Municipais e Estaduais foi violentamente reprimida pela Polícia Militar na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. No dia seguinte Black



blocs se uniram aos professores para oferecer resistência à opressão. O Black bloc é uma tática internacional de resistência à polícia e à repressão (daí a insígnia A.C.A.B.: *All cops are bastards*). É replicada a partir de zines, livros, oficinas, vídeos, conversas, tendo surgido provavelmente nos anos 80 em contexto urbano europeu (Alemanha), e reaparecido em Washington em 1992 (DI GIOVANNI, 2012). O Black bloc é de caráter anárquico, sem organização centralizada, e desinteressado de produzir uma identidade fixa. É, portanto, redutor falar de Black bloc como uma unidade política (como fizeram governo e a imprensa), quando não o é. O Black bloc, como luta política, opera como tática para a resistência à polícia talvez da mesma maneira que o Punk para a cultura – criando signos que não respondem diretamente, mas que desviam, que contestam, que arriscam sua própria posição.

Black bloc, por isso se afirma antes como tática do que como movimento. Por oferecer resistência direta à polícia e muitas vezes abrir frentes de destruição de “símbolos do capital”<sup>3</sup>, é visto como problemático para modos mais tradicionais de protesto político. A presença de Black blocs em protesto e a resistência direta à polícia podem ser a deixa para o começo da repressão do Estado de maneira a esvaziar as ruas. A presença dos Black blocs em um protesto providencia para a imprensa as imagens “mais interessantes”, endossando a violência dos protestos que a imprensa pode estar em busca (DI GIOVANNI, 2012, p. 92) para invalidar o valor político do protesto. Considerando que é uma tática, que sugere “modos de usar” ela pode mudar, pode transformar-se, e dessa forma se solidarizar - ou transversalizar -, com outras lutas, o que não é tão comum, como aconteceu no Rio de Janeiro. No Brasil, no ciclo de protestos que inicia em 2013, percebeu-se entre os Black blocs “aprendizes” muito jovens, os mais jovens entre 15 e 16 anos talvez. É importante ressaltar a singularidade desse(s) bloco(s), visto que se tornaram (re)inventores de uma maneira de ser Black bloc naquele ciclo de manifestações. Muitos “aprendizes” eram, sem dúvida, alunos dos alguns professores também em protesto.

O movimento dos professores, por sua vez, talvez precise de menos escrutínio. Imagens mais próximas, será? Tanto a dos professores como subjetivação como a da greve como constante dos trabalhadores. Imagem dos professores: não sem singularidade, mas talvez imagem pela qual todos passamos, como alunos, como professores mesmo. Imagem mais ordinária, imagem estabelecida por uma relação institucional normalizada: o ensino como preparação para entrada na vida adulta dos futuros trabalhadores. Naquele inverno de 2013, foram dois os movimentos: tanto os professores das Escolas Estaduais como das



Municipais do Rio de Janeiro entraram em greve ao longo de mais de seis meses (com interrupções). Eles protestavam contra os baixos salários e por melhores condições de trabalho, pedindo reajuste salarial de 8%. Além do estado – instituição primeira que estabelece sua relação trabalhista – , outro âmbito institucional com o qual tinham (e tem que) lidar é seu Sindicato (SEPE – Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação). No ciclo de protestos sucederam-se várias manifestações com a participação de diversos grupos, e também manifestações chamadas ou formadas mais especificamente por professores, que faziam uso da greve como tradicional modo de protesto protegido por lei – o direito à greve (Lei 7.783 de 28/06/1989). Ou seja, o não trabalho como maneira de protesto e de criar um espaço de negociação (para tentar abrir uma transversal?).

Com a repressão aos professores deu-se a “proteção” dos mesmos por parte de jovens Black blocs. O que chamo de proteção é, na verdade, uma espécie de “barricada humana”, promovendo resistência real à polícia e “prolongando” o tempo de permanência do protesto nas ruas. Em seguida, tanto professores como Black blocs foram severamente reprimidos pela polícia militar com balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo, canhão de água, bombas de gás azul e tiros de fuzil e arma de fogo – tecnologias de repressão que se especializavam dia-a-dia, visto que novas armas eram trazidas pela polícia militar. A repressão no calor das ruas fez surgir dois novos blocos: o **Black Prof** e a **Tropa de Prof**. A solidarização entre professores em greve e Black blocs abriu um “espaço” para a troca de táticas, signos, formas, máscaras, escudos, bandeiras, adesivos, marchinhas, movimentos, enunciados, e mais. Não opto por um em favor de outro (**Black Prof** ou **Tropa de Prof**), mas concentro minha análise no **Black Prof** pela proliferação de imagens e narrativas que pude perseguir. O **Black Prof** enquanto tal – um novo bloco – já não permitia distinguir como atores separados os professores e os Black blocs, confundindo propositalmente a polícia militar e o Estado – o que não quer dizer que repressão também não se seguiu tão logo à formação dessa nova identidade política<sup>4</sup>.

No dia 9 de Outubro de 2013 o SEPE realizou uma reunião em que toma a decisão não só de apoiar a tática de resistência e defesa dos *Black blocs*, mas também estabelece sua própria estratégia de resistência à polícia, o que deixa evidente os processos de interseccionalidade e transversalidade entre os dois grupos – os professores e os *Black blocs*.



Sindicato diz que Black Blocs são bem-vindos atos de professores no Rio

**Entidade que representa os profissionais de educação do Estado diz que manifestantes são alvos de 'ofensiva militar' e propõe 'autodefesa'**

RIO - Na assembleia em que resolveram permanecer em greve, realizada na manhã desta quarta-feira, 9, os professores da rede municipal do Rio estabeleceram também estratégias em relação à Polícia Militar (PM). O Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe) aprovou um manifesto que propõe que os professores atuem para sua "autodefesa" e disse ser "bem-vinda" a ajuda dos Black Blocs, "desde que se submeta às tradições da categoria".

O documento sustenta a necessidade da autodefesa sob a alegação de que o governador Sérgio Cabral (PMDB) e o prefeito Eduardo Paes (PMDB) "iniciaram uma ofensiva militar contra os movimentos sociais" e a greve, "através de choque, bombas e spray de pimenta".

Segundo a coordenadora-geral do Sepe, Marta Moraes, a autodefesa citada no manifesto se refere a estratégias para não permitir a infiltração de elementos provocadores em atos públicos. O sindicato considera que policiais entram nas manifestações para causar tumulto. Ela pede à categoria que esteja atenta às supostas interferências.

A nota termina afirmando que o Sepe "defende todos os manifestantes e movimentos sociais contra a violência das ações truculentas da polícia".

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, 10/10/2013

Para analisar essa nova identidade política como semiotização, vou passar por três conceitos: interseccionalidade, transversalidade e ritornelo.

## Interseccionalidade

A relação que se estabelece nas ruas que dá surgimento ao **Black prof** pode ser entendida como uma operação “interseccional” acessando o conceito das teorias e das lutas feministas. O conceito de “intersecção” quer criticar a supremacia do feminismo branco, um questionamento que surge das lutas feministas negras expondo que o feminismo não é uma luta homogênea, mas que tem em si diversas diferenças e devires minoritários que precisam ser reconhecidos e mobilizados em sua singularidade. A interseccionalidade tem por desejo abrir minorias dentro daquilo que já é considerada uma minoria, e tem por desejo relacionar grupos, pessoas, lutas, estratégias, saberes etc. Para investigar minorias “dentro” das minorias de pressupostos de gênero, raça, classe, entre outros que não podem ser considerados auto evidentes<sup>5</sup>.

A interseccionalidade é também uma estratégia de solidarização, mas não sem deixar de “intimidar” em um sentido, ou seja, implicar produtivamente, subjetivamente, aqueles envolvidos. Ao pensar a partir da interseccionalidade quero atentar não para as *formas* das lutas e das táticas, mas para a de contato e contaminação



que surge. A intersecção entre os professores em greve e os Black blocs vai além de uma intersecção de enunciados como conteúdo separado dos agenciamentos que os mobilizam. “Black bloc” e “greve dos professores” são modos de semiotização, são efeitos de agenciamentos complexos. Cada agenciamento é formado por diversos ritornelos maquínicos, e num *ritornelo maquínico* o conteúdo não está separado da forma (GUATTARI, 1988). Assim sendo um agenciamento é capaz de agenciar forças. São efeitos dos ritornelos maquínicos e seus agenciamentos os saltos de plano, saltos de plano molecular, micropolítico. Tais saltos não deixam de produzir seus efeitos na molaridade da política.

A intersecção entre a tática Black bloc e a greve dos professores não se dá então apenas em um âmbito de signos, bandeiras, ou verbal, institucional, mas se dá em modos, em assemblages que misturam ritornelos e gestos. Um dos elementos que os Black blocs solidarizam com os professores são suas políticas antiautoritárias. Os professores são parte de uma classe cuja relação institucional é constituinte de sua relação trabalhista, portanto estrutura sempre presente como mediadora de uma relação social. A interseccionalidade abre então um efeito de transversalização – de questionamento das estruturas de poder em ação. O direito à manifestação, conduto, foi subsumido a todos. O direito de greve foi anulado aos professores em diversas formas, não só pela repressão direta nas ruas, mas também pela demissão em massa dos professores grevistas. Como são muitas as vinculações institucionais que os imobilizam, e em um sentido, adotar uma nova identidade política, uma nova semiotização, poderia ser a válvula de escape para seguir lutando – *sem deixar desaparecer a luta*, a demanda política ela mesma. Essa nova semiotização parece acontecer a partir de um excesso<sup>6</sup> – é mais do que a demanda específica, é mais do que o direito de greve, é o direito de luta, de expressão, de (re)invenção de si, e da luta.

### Micropolítica, análise institucional e transversalidade

“Não aprenderam a lição ano passado? Não se bate em professor!!!! Esperem por nós.”  
(circulou na mídia)

Minha pesquisa de doutorado estuda práticas de grupo que insurgem dos contextos de anti psiquiatria e análise institucional, como forma de aprender que tipos de estratégia foram e seguem sendo produzidas trazendo a um mesmo plano práticas do cuidado, da clínica, da análise, da psiquiatria, da arte e da criação



e como isso produz novas configurações políticas entre as pessoas envolvidas. Tais estratégias aportam uma complexidade e se encontram na definição da noção de processos estéticos: processos que implicam transformações subjetivas, acessando estados pré-individuais, definidos por Félix Guattari como uma “ciência do contato” (SOREANU, 2015). Processos estéticos prescindem de uma dinâmica energética, de relação, de trocas, de molecularidade. O que me interessa nas práticas que surgem a partir da anti-psiquiatria e da análise institucional é perceber como, lutando contra a segregação entre o trato da loucura e sociedade, e contra a produção da loucura pela instituição, modos de auto-organização foram forjados, podendo apresentar propostas políticas que incluem uma gigantesca dose de sensibilidade e criação. Tais práticas constroem um contexto em que processos de subjetivação são analisados junto das instituições às quais participam e junto da concentração de poder.

A conjunção dessas estratégias qualifica o contexto da luta anti-manicomial, da anti-psiquiatria e da análise institucional como parte de uma micropolítica. A micropolítica não se esgota em contrapor-se ao que podemos chamar de macropolítica. O contexto político e social de onde insurgem essas práticas na psiquiatria institucional é de plena reinvenção social depois de uma era regida por uma superinstitucionalização, por um extremo cientificismo representacional e por um modo de pensar organizado sob o estruturalismo. A micropolítica vem se contrapor a esses três (e mais) fatores. A micropolítica e a molecularidade se confundem. Como estratégia, a micropolítica trabalha investindo tanto num diagnóstico ou análise das relações de poder nos grupos eles mesmos e “por fora” de grupos ou sujeitos políticos, assim como prescreve uma transformação dos elementos diagnosticados que necessitam de intervenção e aos quais se possam aplicar dispositivos específicos. A micropolítica trabalha portanto molecularmente, na produção de condições políticas que respeitam a singularidade trabalhando em diversas (re)invenções. A micropolítica trabalha por dentro, trabalha molecularmente na molaridade da macropolítica, que opera, por sua vez, em conjunção com forças majoritárias. A política, portanto, no trabalho micropolítico, não coloca em planos separados a vida social e a individualidade, trazendo a política como sujeito da vida ela mesma, e não como algo que se sobrepõe à vida. No caso da análise institucional, a luta torna a recompor a potência de vida capaz de desconstruir a instituição que a oprime.

Para operar intervenções no status quo das instituições, fosse de maneira a desmontá-las (no contexto italiano, a negação da instituição) ou reconfigurá-las



(no contexto francês, a psiquiatria de setor) – Guattari inventaria um conceito: o de *transversalidade*. A “transversalidade”, vai além da horizontalidade ou da verticalidade. Podemos entender a noção de “transversalidade” de duas formas. A primeira, em como uma “transversal” é a criação de um terceiro vetor que cruza o vertical - aquele que organiza a diferença (no sentido de produzir hierarquias) – e o horizontal – aquele que organiza por meio de semelhanças, de grupos (que acopla minorias umas às outras). Esse vetor pode estar mais ou menos ativo, sendo chamado de “coeficiente de transversalidade”. Ele ajuda a indicar a presença e atuação do poder em agrupamentos sociais, dedicando-se a questionar esse poder, na forma como ele institui ou destitui subjetivações, lideranças, processos, lutas, possibilidades... A segunda forma de entender a transversalidade, é como a noção de transversal pode servir também como uma operação de corte que associa saberes, disciplinas, espaços, lutas e práticas (GUATTARI, 1987 e 1992). A transversalidade pode ser uma ferramenta que funciona para ler os efeitos de um sistema reprodutivo social, como o capital financeiro, por exemplo, e/ou as estratégias de resistência aos efeitos desse modelo.

No caso do **Black prof** no Rio de Janeiro, em 2013, identifico duas formas da transversalidade: o questionamento dos efeitos do poder nas subjetivações “professor” e “Black bloc” e o que cada uma produz como modo de resistência; e a criação de uma nova identidade política como resposta às subjetivações, a nova semiotização como intento de resistência à categorização, opressão e criminalização<sup>7</sup>. O **Black prof** é mais uma *des-identidade* do que uma identidade reconhecível. Na invenção dessa des-identidade há diversos processos de invenção, de mascaramento, de camuflagem (com a noite, corpos entre corpos, com os elementos usados para resistir, com a barricada...), há movimentos (avance, marcha, recuo, desvio, entre outros), há gritos (gritos de ordem reconfigurados, rimas, atualizações, marchinhas, ritmanalizações), e há o confronto direto com o poder instituído (signos, bandeiras, pedras, coquetel molotov, o grito ele mesmo). É todo um modo de existência, por isso de semiotização, que se cria.

### Ritornelos e semiotizações: a bagunça na semiótica da política

Guattari fala de um “refrão” ou ritornelo para descrever a relação entre a paisagem sonora e os traços de singularidade que expressamos. No registro humano, os ritornelos seriam literalmente aquilo que se repete e que produz pontos de identificação a partir da linguagem em relação ao mundo. O refrão seria



uma modalidade de semiotização que permite que um indivíduo receba e emita informação de maneira compreensível, ou comunicável. Em outras palavras, dialógica - porém sem qualquer garantia de que se efetue uma comunicação eficiente (sem defasagens, diferenças, conflito...). Para entender ritornelos e semiotizações é preciso ir além de uma biologia ou política apenas da fala e da escuta, ou seja, é preciso acessar a relação entre processos de subjetivação e o que Guattari chama de uma “energética semiótica”.

A proliferação de novos signos nas lutas políticas contemporâneas diz respeito a uma velocidade dos fluxos semióticos que foge às cartilhas políticas. Mas essa velocidade (que não tem a ver com uma “aceleração em geral” mas com uma aceleração singular) desafia os espaços tradicionais da política. Novas pautas, novos modos, ou novos ritornelos e novas semiotizações muitas vezes não reverberam porque a grande maioria dos movimentos sociais, sindicatos, organizações políticas se comportam de maneira normativa, majoritária. Tais supremacias vêm sendo quebradas nos últimos anos das lutas e das manifestações no Brasil sobretudo com os vocabulários feministas em suas várias vertentes, com os vocabulários de movimentos periféricos, com vocabulários indígenas. Julia Di Giovanni (2012, p. 111) fala das “estruturas de disputa do poder e [tomada do] espaço da rua” a que a “ação direta” quer escapar, estruturas que passam por uma “mediação convencional”. Quando estudo o evento de transversalização ou interseccionalidade, o problema com o qual estou interessada em lidar é como trabalhar na política na intensidade ou plano de consistência das macropolíticas, criando dispositivos que ativam nossos corpos e nossas vidas, reconhecendo a temporalidade e o “aquecimento” das linhas produtivas em que a “cartilha” da política precisa ela mesma passar por processos de análise.

A proliferação de novos signos – muitas vezes em resposta direta aos signos majoritários - faz titubear a política ela mesma, inserindo novas semióticas que mobilizam lutas e movimentos e evidentemente a relação entre a macro e a micropolítica. Processos criativos e políticos passam não apenas pela criação de conceitos que mobilizam as práticas, visto que não criamos sem modificar ou atualizar conceitos e práticas. Processos criativos e políticos não passam apenas pelo mapeamento dos enunciados, discursos e signos em proliferação na atualidade, o que pode nos mostrar trânsitos produtivos e emergentes de significativo efeito político e potencial criativo. Processos criativos e políticos devem passar também pelo desafio de interseccionar e transversalizar ritornelos, vocabulários, táticas e lutas.



Diante da criminalização do Black Bloc, da tentativa de dividir a luta dos trabalhadores e da necessidade de mantermos nossa segurança, fundamos o Black Prof: uma tática de resistência da educação. (página do Facebook do Black Prof)

A criminalização do movimento das ruas do qual fez parte o Black bloc aconteceu tanto por parte da esquerda governista, como por parte da imprensa comercial (como comentei acima). Estranhamente ambos reproduziam discursos muito semelhantes: (1) de que os Black blocs eram um movimento ilegítimo, financiado pelos partidos e pelos novos movimentos de direita, atuando contra o governo então no poder (Dilma Rousseff); e que (2) esse foi o movimento responsável por esvaziar as ruas, ao trazer o vandalismo e a violência. Muitas provas existem sobre a atuação de policiais infiltrados como atores no começo dos conflitos que seguiam a repressão policial, um fato observado também por Di Giovanni no contexto italiano - no caso de Gênova, 2001 (DI GIOVANNI, 2012, p. 96). A depredação nas ruas, como aconteceu em muitos casos em São Paulo e no Rio de Janeiro, acontecia geralmente ao final dos protestos, e não no começo, quando estavam alinhados os Black blocs com sua “barricada humana”, como uma “bruma” (DI GIOVANNI, 2012, p. 91). Muitos fatos aconteceram, a mídia comercial construiu diversas narrativas, há diversas vozes que seguem se posicionando, e o massacre a diversas minorias segue (antes ou depois do “golpe” ao governo de Dilma).

Diante da imagem replicada do vandalismo, parece importante afirmar, sobre aquela intersecção e transversalização que talvez uma dos efeitos que produziu foi a reversão sofrida pela palavra “vandalismo”. Nas ruas do centro do Rio de Janeiro a emergência do “cuidado” entre Black blocs e professores (Soreanu, 2015), provocou um novo arranjo para a dualidade violência e proteção – visto que o ator violento e repressor era “de primeira” a polícia militar.

O que serve aqui das noções de interseccionalidade, transversalidade, e ritornelo maquínico é como elas vão além das dualidades estabelecidas nas relações mente/corpo, indivíduo/coletivação, grupo/movimento, prática/teoria, política/representação, criação/repetição, buscando acessar nossos estados psíquicos, emotivos, criativos, afetivos. Fomentar linhas de fuga de tais binarismos contribui para uma nova forma de colocar a política em ação – mais perto da noção de micropolítica, destituindo a política de um sítio de especialistas (o sujeito político do poder representado, e as outras tantas categorias sociais definidas pelas disciplinas). Uma operação semelhante acontece com a noção de criação, pois as novas linhas de fuga tornam possível extirpar a noção de criação para além



do domínio da arte, inaugurando semiotizações várias. Guattari e Suely Rolnik afirmam sobre a “transversalidade” que “toda intervenção criadora tem como condição o acesso à transversalidade, o lugar do sujeito inconsciente do grupo, o lugar do poder real”, o que me faz pensar, evidentemente, no deslocamento das posições de poder que interseccionalização **Black Prof** pode provocar. Não separado disso, a *identidade política* é algo que o ritornelo capitalístico também destrói, e os modos de semiotização que insurgem de conexões pré-individuais e pós-identitárias é capaz de gerar, como disse Guattari, “pontos de bifurcação por fora das coordenadas dominantes” (GUATTARI, 2013, p. 36).

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado no Painel T086 - Artivismo, ação direta e ciberprotesto. Poéticas e políticas imaginando futuros, organizado por Julia Ruiz e Paulo Raposo no Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia (APA), Coimbra, 2016.

<sup>2</sup> No trabalho de Félix Guattari a noção de ritornelo capitalístico não é oposta à noção de ritornelo maquínico. Aqui utilizo-as como oposição, o que é meramente ferramental.

<sup>3</sup> Quando digo “abrir frentes para a destruição” não tenho o objetivo de associar o Black bloc à ação violenta ou vândala. Digo isso no sentido de que novos movimentos surgem a partir da repressão imediata, e muitas vezes o efeito destrutivo é desencadeado no calor das ruas. Graziela Kunsch elabora no texto “O que a tarifa zero, os bancos e as concessionárias de automóveis podem ter em comum e ainda não tem” (<http://vocabpol.cristinaribas.org/o-que-a-tarifa>) a dificuldade de estabelecer um diálogo entre o MPL (Movimento Passe Livre) e Black blocs em São Paulo, o que é semelhante à posição de movimentos auto-organizados no contexto das lutas anti-globalização, analisado por Julia Di Giovanni (2012). Na Itália foram criados os “grupos de segurança” para garantir que não houvessem integrantes na organização da manifestação de Gênova (2001) que pudessem atuar como Black blocs, evitando a repressão policial imediata (Di Giovanni, 2012, pp. 100).

<sup>4</sup> Como acessórios no espaço midiático foram criadas páginas no facebook e contas no twitter – o que ajudou na busca policial que veio em seguida, apoiada na Lei de Segurança Nacional e nas diversas secretarias e departamentos que foram criados no ciclo de manifestações, refinando o controle e o acesso à vida privada das pessoas envolvidas.

<sup>5</sup> Escrevi um longo artigo a partir do processo do projeto e livro Vocabulário político para processos estéticos em que aprofundo o uso da interseccionalidade como ferramenta: *Vocabulários interseccionando: uma transversal no Brasil entre Junhos disruptivos* (Ribas, 2015). O trabalho de mobilização de vocabulários tornou-se evidente para mim a necessidade de operar também os elementos extra-linguísticos das manifestações, visto que a linguagem tributária do discurso verbal é uma ilusão, pois a linguagem ela mesma é formada por muitos elementos que excedem à gramática e à noção de significado, demandando, por sua vez, o trabalho constante na produção de sentidos – um trabalho contingencial, acontecimental, estratégico. O *Vocabulário* ... foi realizado com mais de 20 autores. O livro que pode



ser acessado gratuitamente aqui <http://vocabpol.cristinaribas.org>.

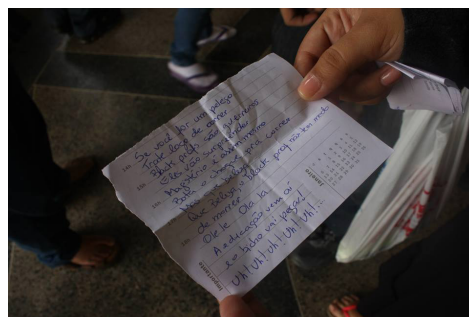
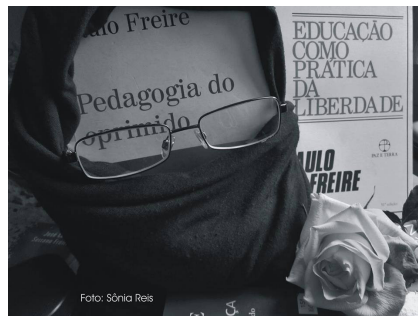
<sup>6</sup> Escrevi sobre “Excesso” ou transformei excesso em conceito-ferramenta em um dos textos do livro Vocabulário político para processos estéticos. O texto pode ser acessado neste link <http://vocabpol.cristinaribas.org/excesso/>

<sup>7</sup> Com o aumento da resistência direta à polícia no ciclo de protestos 2013-2015 em diversas cidades, em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, serviços de inteligência acusaram militantes de “formação de quadrilha”, agregando indivíduos que em muitos casos não se conheciam, na tentativa de criminalizá-los e oprimir o movimento como um todo.



**Fig. 01.** Manifestação 30 de junho de 2013. Fonte: registro das manifestações de 2013 extraído da internet





(da esq. p/ dir) **Fig. 2.** Bandeira Black Prof; **Fig. 3.** Black Prof Paulo Freire (Crédito: Sônia Reis); **Fig. 4.** Black Prof Marchinha; **Fig. 5.** Black Bloc Prof; **Fig. 6.** Black Bloc ocupa Câmara; **Fig. 7.** Professora (Crédito: Fábio Motta).  
Fonte: registros das manifestações de 2013 extraídos da internet



## Referências

- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. In: ESCOSSIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, Eduardo (orgs) (2009) *Pistas para o método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 28.
- BERARDI, Franco (Bifo). *The Uprising. On Poetry and Finance*. New York: Semiotext(e), 2012.
- CRABBÉ, Oliver et al (ed). *Micropolíticas de Los Grupos: Para una Ecología de Las Prácticas Colectivas*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.
- DI GIOVANNI, Julia R. *Artes do impossível. Protesto de Rua no movimento anti-globalização*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2012.
- GUATARRI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Revolução Molecular. Pulsões Políticas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Schizoanalytic Cartographies*. London, New York: Bloomsbury Academic, 2013.
- LEWIS, Gail. *Unsafe Travel: Experiencing Intersectionality and Feminist Displacements*. Signs. Vol 38, n.04, Summer 2013.
- PELBART, Peter Pál. *Eu sou ninguém*. Folha de São Paulo (impresso e na internet), 19 de julho de 2013.
- RIBAS, Cristina. *Vocabulários interseccionando: uma transversal no Brasil entre Junbos disruptivos*. Revista Mesa, 2015. Disponível em: [http://institutomesa.org/RevistaMesa\\_2/vocabularios-interseccionando/](http://institutomesa.org/RevistaMesa_2/vocabularios-interseccionando/) Acessado em 13 de abril de 2014.
- \_\_\_\_\_. et al. *Vocabulário político para processos estéticos*. Recife/Rio de Janeiro: Editora Aplicação e da editora, 2014.
- SOREANU, Raluca. *O que pode um rosto? O que pode um braço? O levante brasileiro e a nova estética do protesto*. Revista Lugar Comum, n. 43, Rio de Janeiro, UFRJ, 2015, p. 203-225.
- LOCATELLI, Piero; VIEIRA, Willian. *O Black bloc está na rua*. Carta Capital. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html>. Acessado em 21 de agosto de 2013.

